

A TRAGÉDIA DE ÉDIPO: DA INTERVENÇÃO DIVINA À AÇÃO HUMANA*

María Luíza Ritzel Remédios
Universidade Federal de Santa Maria

A substância do mito, segundo Lévi-Strauss¹, não se encontra no estilo, ou no modo de narrar, ou na sintaxe, mas na história que é relatada. Assim, o mito é linguagem, mas uma linguagem que trabalha em um nível muito elevado onde o sentido chega a decolar do fundamento lingüístico sobre o qual se apóia.

Mito, assim compreendido, significa narrativa, história relatada e, como tal, é constituído por feixes de relações (os mitemas), cuja combinação leva a uma função significante. Apesar de a ordem temporal dos acontecimentos permitir a leitura do mito, é somente a superposição das relações descobertas que determina o sentido. Mito apresenta-se, dessa forma, como instrumento lógico que serve de mediador entre elementos determinadamente opositivos.

Daí o mito ser considerado por Heidegger² como a palavra primordial que mostra e dissimula, proporcionando o questionamento sempre renovado em torno dos problemas humanos.

Com relação ao mito de Édipo, sabe-se que ele chegou até os dias de hoje através de transposições literárias que apresentam maior cuidado estético e moral do que tradição religiosa e uso do ritual. A história de Édipo é um episódio do ciclo tebano, considerado como parte da série de fatalidades que se abateram sobre a casa de Laio, sobre a família dos Labdácidas; narra o destino de Édipo: matar seu pai (Laio),

* Trabalho apresentado à disciplina DRAMA, no curso de Doutorado da PUCRS.

casar com sua mãe (Jocasta) e autopunir-se com a cegueira e com o exílio.

Desse mito, muitos poetas se serviram para compor suas peças; a ele recorreram Sófocles e Corneille na estruturação de suas tragédias **Édipo Rei** e **OEdipe**, respectivamente.

1. ÉDIPO REI DE SÓFOCLES

Em **Édipo Rei**, verifica-se a apresentação da "Moira" em duas etapas: ANTES do texto e DURANTE o texto. "Antes" do texto, tem-se o assassinato de Laio e o casamento de Jocasta e Édipo, isto é, os crimes de parricídio e incesto; "durante" o texto, o des-velar do mito, pois a busca do matador de Laio por Édipo torna-se na realidade oculta em seu próprio passado. Assim:

<u>antes</u>	≈	<u>sucesso de Édipo</u>
durante		destruição de Édipo

Pois, se "antes", com a realização dos crimes de parricídio e incesto, tem-se o período de sucesso de Édipo, "durante" o desenrolar da narrativa, com a busca trágica do matador de Laio equivalendo à busca da natureza ideal, constata-se a progressiva destruição de Édipo. O início dessa destruição, no texto, fica acentuado quando Édipo comete sua "hybris" de tirania ao condenar Creonte sem querer ouvi-lo (2º episódio). A "Moira" implica, então, na destruição de Édipo.

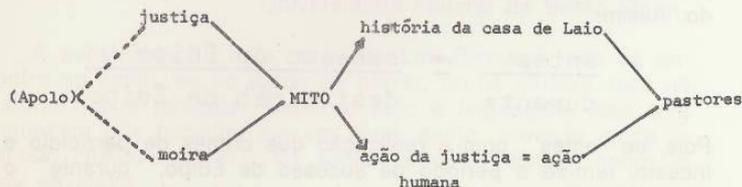
No texto de Sófocles, a ação se passa em menos de um dia e consiste nos seguintes acontecimentos:

- busca do assassino de Laio;
- consulta ao oráculo de Apolo;
- interrogatório do profeta Tirésias;
- interrogatório das testemunhas: os pastores coríntio e tebano;
- suicídio de Jocasta;
- desespero de Édipo, vazando os olhos e partindo para o exílio.

Esta ação apresenta certa dualidade: num primeiro plano encontram-se as personagens humanas: Édipo, Tirésias, Jocasta, Creonte, Laio; em segundo plano, um determinado poder (divino) ou desígnio é definitivamente estabelecido e sugerido pela ironia dramática.

O ponto de partida da tragédia é procurar o assassino de

Laio e mostrar a justiça. A justiça não depende apenas da ação humana, mas, também, do poder ou designio do destino. Assim, a justiça é a entidade que será exercida através da "Moirá". Ela aparece porque se apresenta como história, como mito: a história da casa de Laio e o mito trágico, isto é, os acontecimentos fatais que se desdobram no próprio texto. O pastor coríntio, que dá a notícia da morte de Pólibo e que diz que Édipo não é filho dos reis de Corinto (Pólibo e Peribéia), mais o pastor tebano que confirma ser Édipo filho dos reis de Tebas (Laio e Jocasta), são elementos que, na tragédia, mostram a ação da "Moirá"; mostram o passado (previsões) e o presente (crimes), a unidade do mito. Numa representação esquemática:



A virtude de Sófocles ao apresentar o mito é preservar o mistério final focalizando a tragédia em nível mais profundo ou anterior a qualquer racionalização. Sófocles inicia a peça pelo final do mito, isto é, pelo último episódio decisivo da vida de Édipo: a procura do assassino de Laio. Édipo inicia, nesse episódio, a busca da realidade oculta de seu próprio passado. Presente e passado são revelados concomitantemente e Édipo vê a si próprio e ao culpado. Ele, o salvador de Tebas, no passado; no presente, é a praga de Tebas, porque o culpado e ele, como a imagem do espelho, são uma e única pessoa. Por isso, desde o momento em que procura saber quem é o culpado, descobre que ele, Édipo, é nada e, ao descobrir que é nada, encontra-se. Visualizando:

passado ~ salvador ~ Édipo = EU = 
presente praga culpado

Assim, a ação trágica caracteriza-se por sua ambigüidade: o triunfo de Édipo é sua destruição e o lamento de Tebas é a exaltação de Édipo.

É importante observar que, em **Édipo Rei**, o divino e o humano correm paralelamente no desenvolver do mito, pois que

os deuses indiretamente indicam o restabelecimento da ordem: Jocasta se suicida e Édipo executa nele próprio a pena que, como rei, apresentara aos cidadãos de Tebas para o assassino de Laio, o exílio.

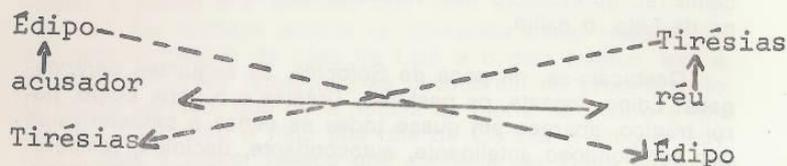
Destacam-se, na peça de Sófocles, as seguintes personagens: Édipo, Jocasta, os pastores, Tirésias e o coro. Édipo, herói trágico, aparece em quase todas as cenas e caracteriza-se por ser bondoso, inteligente, autoconfiante, decidido, temperamento exaltado demasiado seguro de si próprio, orgulhoso, sofre paixão ofuscante de medo e de ira. É o herói trágico, porque não só está envolvido pelo mito, como também cai na infelicidade por força do erro cometido anteriormente. Surpreendido pela desgraça (constatação de que ele e o culpado são a mesma pessoa), foi capaz de sentir os laços existentes entre ele e os cidadãos de Tebas para cuja salvação eram necessários o seu sacrifício e a sua morte. Verdadeiro herói trágico se constrói através da tensão dialética que se estabelece entre ETHOS (liberdade humana) e DAIMON (injunção do destino); por isso Édipo é inocente e culpado, dominador e dominado, lúcido e cego. Daí, também, ser o seu destino o da família dos Labdácidas.

Tirésias representa a palavra sábia e poderosa. Apresenta-se investido da autoridade que confere o papel de adivinho; sofre na escuridão da cegueira, mas vê mais do que Édipo; realiza o propósito de servir à visão profética da verdade; é inumano. Com Tirésias, Édipo realiza seu "agon" (combate sagrado) através de palavras. Quando, no primeiro episódio da peça, o rei interroga o oráculo e este se recusa a falar, Édipo mantém seu propósito racional, até que se enfurece com Tirésias e o acusa, acusando também Creonte. Tirésias se volta e enfurecido contra o rei prevê sua cegueira, sua expulsão da cidade, dizendo:

...o homem que procuras há tanto tempo, por meio de ameaçadoras proclamações sobre a morte de Laio, ESTÁ AQUI. Passa por estrangeiro domiciliado, mas logo se verá é tebano de nascimento. Ele vê, mas tornar-se-á cego; é rico, e acabará mendigando; seus passos o levarão à terra do exílio, onde tateará o solo com seu bordão.³

Édipo e Tirésias mostram a parte da essência trágica que evolui em paixão. No início do "agon", Édipo apresenta seu propósito; pergunta e, por fim, acusa Tirésias; no final, Tirésias apresenta seu propósito, acusa Édipo. Édipo que recebe o golpe mais profundo e fica abalado. Desse modo, no confronto entre Édipo e Tirésias, as duas personagens apresentam pro-

pósitos frontalmente opositivos, de réu, Tirésias passa a acusador e Édipo de acusador passa a réu:



Jocasta, mãe e mulher de Édipo, está ligada a ele pelo sangue e por Eros (casamento). Foi ela quem tentou burlar o destino, mandando levar o filho recém-nascido ao monte Citéron; é ela, também, a personagem mediadora no conflito entre Édipo e Creonte. Ao fazer libações a Apolo, tenta descobrir quais os desejos dos deuses e, ao ver a confirmação dos designios divinos, mata-se, tornando manifesta a ação dos deuses invisíveis.

O coro formado pelos cidadãos tebanos representa o ponto de vista e a fé de Tebas como um todo. É o coro que mantém o equilíbrio entre Édipo e os outros personagens sublinhando os progressos na luta entre eles. É uma personagem, porque existe como entidade viva e participa da ação de procura que a peça representa. Sua principal função, além de marcar os estágios da ação dramática, é executar a parte do sofrer e do perceber no ritmo trágico:

"Quem será o infeliz a quem o rochedo fatídico de Delfos designa como autor dos mais monstruosos crimes? Eis o momento em que ele deveria fugir, mais veloz que os rápidos cavalos e mais impetuoso quem a tempestade. (...) Terríveis — sim — terríveis são as dúvidas que me causam as palavras do hábil adivinho. (...) Meu espírito vacila, incerto, sem compreender o passado, nem o presente (...) Nem outrora, nem hoje, nada soubemos que fornece uma prova contra a honorabilidade de Édipo..."⁴

A intervenção do coro (estásimo I) mostra a nova percepção da paixão apresentada pelo coro. Édipo, visto até então como o salvador, passa a ser, talvez, o criminoso. A dúvida se instala no povo (coro) através das acusações do adivinho Tirésias.

A situação trágica em **Édipo Rei** é observável no rompimento à ordem cósmica: o parricídio e o incesto; a reconciliação entre o divino e o humano ocorre através do exílio de Édipo e da morte de Jocasta. A força divina aparece através das personagens, cujo maior exemplo é Tirésias.

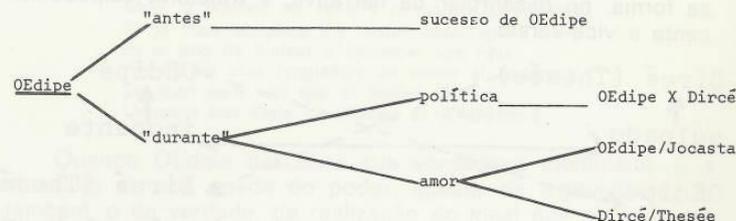
2. OEDIPE DE CORNEILLE

O mito de Édipo é retomado por Corneille em **OEdipe** (1659) que inaugura, com sucesso triunfal, uma série de tragédias.

Em **OEdipe**, observa-se que, ANTES do texto, há o assassinato de Laio e o casamento de Jocasta e OEdipe; portanto, o sucesso de OEdipe que desvenda o mistério da Esfinge e recebe a rainha e o reino por recompensa:

"Mais, comme aux grands périls le salaire enhardit.
Le peuple offre le sceptre, et la reine son lit."⁵

e que, DURANTE o texto, há dois eixos distintos: o eixo do amor e o eixo da política:

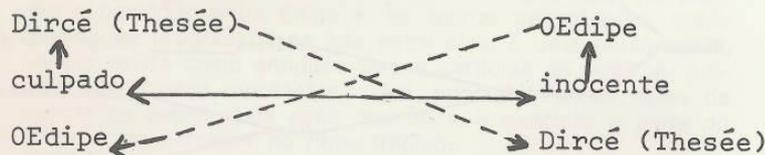


A ação se passa em um dia e uma estreita ligação das cenas e dos atos assegura à tragédia uma progressão contínua de interesse. A tragédia inicia com juras de amor entre Dircé e Thesée e a conversa de Jocasta e OEdipe com Dircé para que ela case com Hémon; segue-se a dúvida de Thesée, o interrogatório de Phorbas; durante toda a ação, Dircé mostra seu desejo de glória e poder. A chegada do mensageiro coríntio com a notícia reveladora ocasiona o desespero de OEdipe e a morte de Jocasta. A tragédia finaliza com a ascensão ao poder de Dircée e Thesée.

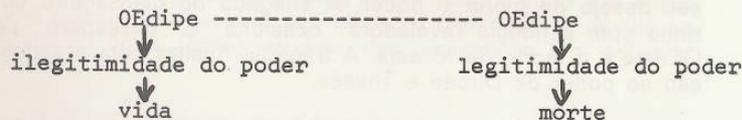
Subjazem à ação da busca do assassino de Laio, causador da infelicidade de Tebas, as relações antitéticas amor / ódio e poder / impotência (não-poder), expressando o momento histórico com seus conflitos insolúveis. São as relações antitéticas diante das coisas que mostram a situação trágica em

OEdipe. A ação leva a uma rede de relações de culpa e inocência; de certo e errado; de compulsão e liberdade de escolha. Veja-se: a jovem princesa Dircé, dotada de grande força interior e energia, luta para casar com Thesée, apesar de ser prometida de Hémon. Ela se apresenta sozinha contra o poder de OEdipe a quem odeia. Aqui, amor / ódio e compulsão / liberdade de escolha são as relações positivas que se destacam.

Considerando a praga que abate Tebas, constata-se que tanto Dircé quanto Thesée se julgam culpados por seu amor que acreditam incestuoso, sendo que a princesa se quer sacrificar pelo povo. No entanto, fica comprovada a inocência de ambos. OEdipe, que se considera o salvador de Tebas, portanto sem culpa (inocente), descobre-se, ao final, culpado. Daí se conclui que, precedidos de uma mesma história, movidos pela mesma ânsia do poder, as duas personagens OEdipe e Dircé (Thesée) vêem seus papéis invertidos, realizando, dessa forma, no desenrolar da narrativa, a trajetória culpado-inocente e vice-versa:



A figura de OEdipe, no desenvolver da ação, vai de um pólo a outro: ele se vai transformando de inocente em culpado, de usurpador do poder em seu legítimo dono. Em outras palavras: OEdipe é apresentado como usurpador do poder, por ocupar o trono que, de direito e por sangue, pertenceria a Dircé; mas, quando fica provada a sua legitimidade no poder, OEdipe não pode mais exercê-lo, de modo que ele passa às mãos de Dircé. Novamente, o herói salva Tebas: seu exílio é a glorificação, porque representa sua vitória moral na queda e na derrota:



Corneille consegue misturar a política e o amor: Dircé é a doce amante e a política fervorosa. No terceiro ato, cena primeira, percebe-se claramente o conflito amor / política: Dircé se apresenta dividida entre o amor e a glória, onde viver

e amor são verdades iguais, assim como morrer e glória se equivalem.

As personagens da tragédia são quase todas bem nascidas: Dircé (princesa), Thesée (príncipe), OEdipe (rei), Jocaste (rainha), Tirésias (oráculo) e, nelas, a vontade (= liberdade) é alcançada através de muita luta. À volta dessas personagens encontram-se Mégare, Nérine, Phorbas que servem de contraponto à classe dominante, à nobreza.

OEdipe é o verdadeiro herói da tragédia moderna. Nele se encontram a lucidez, a clemência, a justiça serena, virtudes próprias de um rei, ao mesmo tempo um realismo cínico, um maquiavelismo na luta política pelo poder, claramente verificável quando ele justifica um casamento político entre Thesée e uma de suas filhas, Ismène ou Antigone:

Je l'avais bien jugé qu'un intérêt d'amour
Fermait ici vos yeux au péril de ma cour:
Mais je croirais me faire à moi-même un outrage,
Si je vous obligerais d'y tarder davantage,
Et si trop de lenteur a seconder vos feux
Hasard ait plus longtemps un coeur si généreux.
Le mien sera ravi que si nobles chaînes
Unissent lest États de Thèbes et d'Athènes.6

Quando OEdipe descobre sua verdadeira identidade, é o momento de sua queda do poder, apesar da legitimidade; é, também, o da verdade, da realização do ideal que se encontra em seu interior, no seu íntimo. Com a realização da sua ação fatídica — o exílio — OEdipe atinge sua auto-realização. Porém, muitas vezes, a paixão desenfreada do poder apaga os demais sentimentos; e, então, o ser natural se contrapõe ao ser ideal:

"Je suis roi, je puis tout."7

O altar-ego de OEdipe é Dircé. Nela se observa o amor confrontado com a glória, numa aparente oposição, pois que a essência é a mesma: tanto o amor quanto a glória estão apoiados na estima. O primeiro, na estima pelo ser amado; o segundo, na estima de si mesma (Ato III, cena I). Ao lado do amante estremosa, ambição e ira, inveja e desejo de vingança coabitam.

Jocaste, como as outras personagens, apresenta a impetuosidade das paixões, opondo-se às leis do dever, às afeições do sangue. Como Dircé, Jocaste é uma personagem pouco feminina, ela é dura e decidida em suas decisões, transpare-

cendo, simultaneamente, o sentimento maternal, quer quando se dirige a Dircé, quer quando Thesée pensa que é seu filho.

Phorbas e Iphicrate, o velho tebano e o velho coríntio, são elementos de reconhecimento de OEdipe como filho e assassino de Laio. As demais personagens dão à ação maior movimento e servem de suporte às personagens nucleares.

Em **OEdipe**, a situação trágica situa-se na ambigüidade, no conflito interno do herói trágico, sua insolubilidade final e a vitória moral do herói. OEdipe debatia-se entre as relações antitéticas de bem / mal, certo / errado, culpa / inocência; quando fica comprovado que ele é o mal, o errado, o culpado, aceita seu destino e encara-o como necessário.

3. COMPARAÇÃO ENTRE AS DUAS PEÇAS

Pretende-se estabelecer comparação entre as duas peças, considerando-se três elementos estruturais: a fábula, as personagens e o trágico.

Com relação à fábula, os dois textos-objeto apresentam, de imediato, semelhanças evidentes. Os dois têm como suporte o mesmo mito: a maldição da família dos Labdácidas, cuja multiplicidade de interpretações e sentidos incorporados mostram a sua validade.

Considerando o mito de Édipo como modelo, emergem dos textos-objeto, ao nível da narrativa, os seguintes pontos comuns:

- dados anteriores ao início da ação: parricídio; união incestuosa entre Édipo e Jocasta; ocupação do trono de Tebas por Édipo;
- busca do assassino de Laio;
- chegada do mensageiro de Corinto e, conseqüentemente, a descoberta de que Édipo é filho dos reis tebanos Laio e Jocasta;
- morte de Jocasta;
- exílio de Édipo.

Tanto Sófocles quanto Corneille tomam o sentido dado pelo mito em duas versões diferentes: Corneille partiu do sentido engendrado por Sófocles, assim a leitura primeira do mito, a sofocliana, é a que mostra os deuses e os poderes do destino agindo e não o herói trágico. Já a segunda leitura, a corneilleana, mostra não o problema da fatalidade da vida humana, mas a glória política; é o herói quem escolhe seu destino:

é OEdipe quem desaparece, deixando o poder quando ele lhe pertence legitimamente.

Na possibilidade de uma nova leitura, encontra-se a originalidade de Corneille. Os fatos são os mesmos, entretanto a trama é diferente. Na tragédia sofocliana, a cegueira trágica de Édipo leva-o à ação trágica de buscar o culpado e o herói se torna instrumento dos deuses. Em **OEdipe**, toda a trama centra-se no herói trágico, no seu conflito (eu X outro), na sua individualidade.

O conflito apresentado por Corneille é o que se dá entre o ego de OEdipe e seu alter-ego (representado na peça por Dircé); entre a legitimidade e ilegitimidade do poder, sendo que esse conflito tem como pano de fundo as relações amorosas: Dircé / Thesée e OEdipe / Jocaste. O amor que une Dircé e Thesée é expresso através de suave harmonia, ao passo que o amor de OEdipe / Jocaste é ilegítimo, conflituoso.

A leitura de **OEdipe** pode ser realizada nas duas linhas: amorosa e política, se se levar em consideração, apenas, a dicotomia legitimidade / ilegitimidade. A tragédia sofocliana, em contraposição, não permite a consideração do conflito individual do herói. Deve-se considerar em **Édipo Rei** a fatalidade da vida humana, percebida textualmente através da dicotomia justiça / injustiça. Prevalece, em **Édipo Rei**, o determinismo da lei natural. Édipo foi consirado culpado por seus crimes; logo, deve ser castigado para que a ordem seja restabelecida.

Relativamente às personagens da duas peças, de início uma observação se impõe: Corneille suprimiu a personagem Tirésias de sua peça, acrescentando, entretanto, outras como Dircé, Thesée, Mégare, Dymas, Nérine, Phorbas, Iphicrate que desempenham funções pré-determinadas, importantes para a explicação da fábula.

Na tragédia de Sófocles, o herói representa a força humana em luta com o desígnio ou poder divino. Ele é quem transgredir a lei e toda a sua ação se completa quando toma conhecimento da sua transgressão. Desde o início da peça, já se conhece o caráter de Édipo: bondoso, inteligente, decidido, orgulhoso. Enquanto o Édipo grego é marcado por todas essas qualidades, o OEdipe de Corneille se afasta desse tipo ideal e caracteriza-se quase totalmente por sua tirania e desejo de poder. As características de OEdipe se vão precisar no decorrer da peça; porém, desde a primeira cena já são denunciadas, através do diálogo entre Dircé e Thesée.

Observando-se o herói das duas peças em relação às outras personagens, na tragédia de Sófocles comprova-se a existência de duas relações primordiais:

— Édipo R(amor) Jocasta
 — Édipo Vs Tirésias (pastores).

Isso mostra que Édipo e Jocasta encontram-se no mesmo plano (humano) e que Tirésias e os pastores em outro plano (divino). Já na tragédia de Corneille, há três tipos de relações:



em que a relação opositiva Édipo / pastores é encontrada tanto no eixo do amor, quanto no eixo da política, pois que são eles que determinam o fim do amor e o fim do poder.

Importa nas relações apresentadas principalmente a terceira (eixo do poder), que serve para diferenciar a tragédia corneilleana daquela de Sófocles, dando-lhe originalidade e caracterizando-a como tragédia política.

Jocasta, nas duas tragédias, desempenha igual papel, tem igual fim. Corneille deu à sua Jocasta os mesmos traços que lhe havia dado Sófocles. Nas duas peças, seu papel é de mediadora. Na de Sófocles, mediadora entre Édipo e Creonte; na de Corneille, entre OEdupe e Dircé. Representa papel complexo, flexível, indo de um espaço a outro. No princípio é qualificada pela legitimidade, depois passa à ilegitimidade e, por isso, morre.

Considerando-se o eixo do amor e o problema da legitimidade na tragédia corneilleana, o par Dircé / Thesée se opõe a OEdupe / Jocaste, pois no primeiro temos a legitimidade do amor e no segundo, a ilegitimidade. Entretanto, em determinada seqüência da peça de Corneille, quando fica caracterizado o (falso) incesto de Dircé e Thesée, a relação entre esses dois pares não é mais opositiva, mas sim de equivalência: os dois ficam no mesmo pólo do amor ilegítimo.

O oráculo, personagem tradicional da tragédia grega, em **Édipo Rei** representa a força divina e é o liame de Édipo com

os deuses; ao passo que, na tragédia francesa, ele é suprimido por Corneille, sendo apenas nomeado por Jocaste e OEdupe, o que caracteriza o enfraquecimento da fé religiosa.

Albin Lesky⁸, ao tratar do trágico, apresenta a visão trágica do mundo, o conflito trágico e o problema da situação trágica / culpa trágica. Esse autor também define o mundo como o lugar de aniquilação absoluta, inexplicável; assim como, as forças contrárias sem escapatória para o herói e a culpa trágica como conseqüência da "hamartia".

Destacam-se, nos dois textos, ao serem comparados em relação à sua tragicidade, a situação trágica, a fé religiosa e o homem.

Em Sófocles, a situação trágica caracteriza-se pelo rompimento da ordem cósmica e pela harmonia entre os planos humano e divino. Por sua vez, Corneille apresenta a situação trágica no conflito interior do herói trágico, sua insolubilidade final e a vitória moral do herói. Em Corneille, o conflito bem / mal conclui com a vitória do bem.

A fé religiosa é apresentada diferentemente em cada tragédia. Na grega, é de credulidade passiva e aparece através da personagem humana — meio caminho para a afirmação do indivíduo, sendo que os deuses representam a "Diké" e os homens que se afastam das leis divinas são punidos. Os deuses tornam-se protagonistas da peça, na medida em que se envolviam na ação dramática. Na narrativa corneilleana, a fé religiosa não tem força semelhante à da tragédia grega, pois que as leis dos deuses também não são tão fortes. Em Corneille, os deuses são espectadores que não intervêm. Isso se comprova, ao se considerar a figura do oráculo Tirésias (representante dos deuses): na tragédia grega, é personagem importante, com papel destacado na ação, é duplo de Édipo; na tragédia corneilleana, é apenas referenciado no discurso de OEdupe e Jocaste.

Em **Édipo Rei**, o homem não é somente o lugar de entrelaço das forças divinas, mas o tipo ideal: homem eterno, sereno, corajoso que aceita o determinismo da ordem natural para o bem da coletividade. Já em **OEdupe**, o homem é o centro do conflito entre bem e mal. O herói trágico corneilleano apresenta-se numa situação de solidão que o leva ao narcisismo, por esse motivo a tragédia **OEdupe** resolve-se na solidão do herói, na sua individualidade.

Tendo-se observado as relações entre as duas tragédias,

pode-se chegar à conclusão de que o trágico se apresenta diferentemente em Sófocles e em Corneille. Dessa forma, a tragédia sofocliana caracteriza-se pela trajetória do mito que leva à "Diké" (justiça), pela força dos deuses manifestada através do homem, pela passividade do herói em relação às forças divinas, pela ausência de antagonismo. Em contraposição, a tragédia corneilleana apresenta a afirmação da individualidade, porque é OEdipe quem faz sua opção entre o bem ou o mal, e isso caracteriza a ação humana não realizada pelos deuses, mostrando que o conflito trágico está centrado no sofrimento moral do indivíduo.

Das leituras realizadas, o que permanece, além da constatação da estrutura dual do mito, é a certeza da evolução da tragédia da época de Sófocles até Corneille, podendo-se dizer que o mito envolve da ação divina à ação humana.

NOTAS

- (1) LÉVI-STRAUSS, Claude. "A estrutura dos mitos" In: **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970, p. 230.
- (2) RESWEBER, J. P. **La pensée de Martin Heidegger**. Toulouse, Privat, 1971, p. 132.
- (3) SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Rio de Janeiro, Edições de Ouro (s.d.), p. 118.
- (4) SÓFOCLES. Op. cit. p. 119-20.
- (5) CORNEILLE, Pierre. "OEdipe" In: **Théâtre complete de Corneille. Tome Troisième**. Paris, Éditions Garnier Frères, (s.d.), p. 18.
- (6) CORNEILLE, Pierre. Op. cit. p. 15.
- (7) Idem Ibidem. p. 26.
- (8) LESKY, Albin. **A tragédia grega**. São Paulo, Perspectiva, 1976.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORNHEIM, Gerd. **O sentido e a máscara**. São Paulo, Perspectiva, 1975.
- CORNEILLE, Pierre. "OEdipe" In: **Théâtre complete de Corneille. Tome Troisième**. Paris, Éditions Garnier Frères, (s.d.).
- FERGUSSON, Frances. **Evolução e sentido do teatro**. Rio de Janeiro, Zahar, 1964.
- HAUSER, Arnold. **Maneirismo**. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- KITTO, H. D. F. **A tragédia grega**. Coimbra, Arménio Amado, 1972.
- LESKY, Albin. **A tragédia grega**. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- LIDA, Rosa María. **Introducción al teatro de Sófocles**. Buenos Aires, Editorial Losada 1944.
- RESWEBER, J. P. **La pensée de Martin Heidegger**. Toulouse, Privat, 1971.
- SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Versão teatral moderna de Geir Campos. Petrópolis, Vozes, 1974.
- . "Édipo Rei" In: **Rei Édipo — Antigone Prometeu acorrentado (tragédias gregas)**. Rio de Janeiro. Edições de Ouro (s.d.).